



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

O grito dos estudantes

Eu sempre disse para a turma das novas gerações que eles tinham de ir às ruas para lutar pela vida deles e pela nossa ante a realidade dramática das mudanças climáticas. Vocês não podem assistir à história acontecer da arquibancada como se fossem espectadores. É o calor de rachar em nosso território, rios secos na Amazônia e tempestades de mais de 100km no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina.

Apesar disso e dos prejuízos bilionários

do agronegócio, a orquestra do Titanic continua tocando no Congresso Nacional, e as excelências não convidam nenhum cientista para explicar o que está acontecendo. É uma tragédia mais do que anunciada pelos cientistas sem que seja tomada nenhuma ação de previdência. Essa é uma pauta suprapartidária, que deveria unir todas as tendências em torno da nossa sobrevivência no planeta.

Neste sentido, indico para ver o documentário *O Sol — Caminhando contra o vento*, dirigido por Tetê Moraes e Martha Alencar, sobre o jornal experimental, criado e editado pelo poeta-jornalista Reynaldo Jardim, com quem tive o privilégio de trabalhar no **Correio**, na década de 1980. Bem, a princípio, seria um filme sobre

O Sol, mas, na verdade, o documentário se ampliou para ser o retrato de uma geração animada por revoluções por minuto.

Para aquela geração, a utopia parecia ser a única realidade possível. De *O Sol*, publicado como um encarte do extinto *Jornal dos Sports*, foi revelada ou projetada uma constelação de pessoas brilhantes: Ruy Castro, Henfil, Ziraldo, entre outros. Zuenir Ventura, Carlos Heitor Cony e Otto Maria Carpeaux eram editores e/ou consultores. No legado da geração de *O Sol*, é possível mencionar a liberdade sexual, o amor à cultura, a consciência política e a consciência ecológica.

Mas eu não indico o filme apenas por razões de nostalgia dos tempos em que a juventude tinha mais consciência e

coragem. É, também, para lançar uma mirada crítica. Segundo Zuenir Ventura, a herança maldita daquela geração foi o culto às drogas, que teria desdobramentos nefastos para a saúde e para a segurança pública nas décadas seguintes, diagnóstico com o qual eu concordo inteiramente.

Por todas essas razões, considero alentadora a irrupção inesperada das manifestações dos estudantes nas ruas para defender investimento no ensino público, escola gratuita, estímulo à pesquisa, defesa da democracia e dos direitos sociais. Aliás, eu acho que essas deveriam ser pautas suprapartidárias de tão óbvias por beneficiarem, direta ou indiretamente, a maioria dos cidadãos. Considero a nostalgia um sinal de decadência; é muito

bom que as novas gerações se mobilizem para defender interesses comunitários. A notícia das manifestações em vários pontos do país está reverberando pelo mundo. Defender causas elevadas é bom para a sanidade mental. Ninguém precisa morrer de tédio; existem muitas causas nobres a serem reivindicadas.

Sempre que o assunto é déficit de consciência social, lembro de uma sequência do filme *A Idade da Terra*, de Glauber Rocha, filmada em Brasília, na qual o Kristo Negro, encarnado por Antônio Pitanga, berra, a plenos pulmões, no meio do Cerrado, tendo ao fundo o Palácio do Planalto: “Acorda, humanidade!!! Acorda, humanidade!!!” Parece que o grito do Kristo Negro para ninguém começa a ser ouvido.



Poucos votos, muita esperança

Candidatos a deputado distrital que tiveram um desempenho fraco nas urnas destacam a importância da participação e experiência adquirida durante o pleito, apesar dos perrengues por que passaram e da falta de recursos durante a disputa

» IAGO MAC CORD
» LUIZ FELLIPE ALVES

O período eleitoral também marca a oportunidade de pessoas comuns, sem carreira política, buscarem espaço entre os representantes do povo. Apesar da força de vontade, muitos amargam poucos votos. Entretanto, mesmo com o baixo quórum, o desânimo não entra em jogo para quem quer participar da política local. O **Correio** conversou com candidatos a deputados distritais que tiveram poucos votos para saber as impressões de suas primeiras campanhas.

Para Klebes Rezende, candidato pelo Podemos, o motivo para ingressar na corrida eleitoral foi por “estar cansado da velha política”. O advogado comentou que seus 10 anos de experiência na área criminalística o fez perceber o gargalo na segurança pública. “Isso está diretamente ligado ao sistema prisional. Está ligado à reestruturação, e depende da ressocialização, se não houver uma ressocialização, o preso vai ser condenado a repetir o passado”, afirmou.

Alcançando 508 votos, o candidato disse que o resultado não o desanimou. “Com certeza vou me candidatar de novo. Essa foi só a minha primeira campanha”, ressaltou. Ele adiantou que o plano, agora, é trabalhar no fortalecimento do seu nome, inclusive para conseguir arcar com os custos da campanha. “Foi a primeira vez. Eu não tinha ideia de como era a política, de como funcionavam os bastidores da política dentro do partido, como era a questão do Fundo Eleitoral e do Fundo Partidário. Vi que é uma realidade muito triste, por exemplo, não tive condições de contratar cabos eleitorais”, enfatizou Klebes Rezende.

“Valeu a pena”

Apesar das dificuldades impostas pelo limite orçamentário, Rezende destacou que a experiência “valeu a pena”. O que mais ficou marcado durante a campanha foi perceber as dificuldades das pessoas que encontrou na rua. “Eu andei bastante no Distrito Federal. Conheci lugares que não conhecia e passei a ver uma realidade diferente, que a gente vê só pela televisão. Vi que tem muita coisa para melhorar, há muitas muitas pessoas esquecidas pela cidade”, pontuou.

Concorrendo ao cargo de deputada distrital pelo Democrata, a médica Dra. Mônica somou 46 votos ao fim da apuração. A votação reflete os percalços enfrentados por candidaturas de menor porte, marcadas pela ausência de verba pública e por agendas divididas com o trabalho profissional.

Sem acesso ao Fundo Eleitoral e ao horário gratuito de rádio e televisão, a médica relatou que a campanha foi custeada quase sem recursos, apoiada em materiais impressos. A rotina de plantões e compromissos na medicina limitaram a

presença da candidata nas ruas.

Além da falta de recursos, Mônica enfrentou contratempos no ambiente virtual, como a invasão da sua conta no Instagram, o que inviabilizou o impulsionamento de conteúdos pagos. Ao avaliar o resultado das urnas, a médica mencionou a frustração com supostos compromissos de eleitores que não se confirmaram no pleito.

“Fiquei chateada”

“Quando vi o resultado das urnas, notei que muitas pessoas mentem, dizem que vão votar em você e não votam. Muitos mentem, iludem a gente, prometem e realmente não cumprem sua palavra. Confesso que fiquei chateada”, ressaltou a médica.

Apesar da baixa votação e das dificuldades relatadas durante o período de campanha, a candidata afirmou que a experiência serviu de aprendizado para a vida pública. Mônica destacou que pretende analisar as falhas do processo para planejar uma nova candidatura no futuro, com o objetivo de apresentar propostas para a gestão da saúde pública no DF.

“Foi muito emocionante ver meu nome e minha foto nas urnas concorrendo para representar Brasília. Valeu a pena a experiência! Pretendo estudar estratégias para, na próxima eleição, não errar mais e fazer uma campanha da forma que eu me eleja”, afirma Dra. Mônica.

A campanha política faz com que os candidatos saiam da zona de conforto, comentou Mc Jenny, que depois de 20 anos como funkeira, resolveu se aventurar na política pelo partido Republicanos. Moradora de Samambaia, afirmou que a campanha foi uma “experiência é válida”. “Quando fazemos coisas assim, evoluímos como pessoa. Com certeza valeu a pena”, disse ela, que teve 539 votos.

Jenny comenta que teve que fazer muitos sacrifícios. “Quando comecei, meu filho tinha 1 mês, e o outro tinha 7 anos. Fomos debaixo de chuva e sol para falar com a população. É difícil, mas vi que nasci para a política. Mesmo com a experiência desafiadora, ela garantiu a reportagem que estará nas urnas em 2030, como uma candidata mais madura e com mais projetos voltados à população.

Lançar-se em uma candidatura é uma oportunidade de aprendizado, avaliou Abel Santos, que conquistou 552 votos pelo PSol. “Acho que dentro dessa caminhada, tenho de buscar sempre estar evoluindo no campo pessoal, no campo intelectual e emocional. A melhor prova dessa evolução foi justamente a candidatura”, ressaltou.

O projeto de ser candidato vem desde 2024. “Depois de análises que fiz, entendi que a maior dificuldade que a classe trabalhadora tem para conquistar e manter direitos é a falta de organização e representação”, contou.

Arquivo pessoal



Klebes Rezende lamentou a falta de recursos para ir às ruas



Dra. Mônica aproveitou a campanha para apresentar propostas de saúde

“Campanha pequena”

O número de eleitores conquistados não o desanima, pelo contrário, representam uma força que pode ser ampliada. “Eu fiz uma campanha pequena, concentrei no Recanto das Emas e no Riacho Fundo 2 e nas redes. Os votos que consegui me estimulam a continuar”, disse Santos. Ao **Correio**, o candidato contou que, mesmo sem muitos recursos, focou em conhecer os eleitores de porta em porta.

Para Eduardo Galvão, especialista em relações governamentais e professor de políticas públicas do Ibmeac Brasília, a população engajar-se politicamente, inclusive com candidaturas, é “uma parte fundamental para a democracia”. O especialista ressaltou

que uma candidatura representa disposição de defender ideias, dar voz a grupos sociais e contribuir para os rumos da sociedade. “Mesmo quando não resulta em uma eleição, pode ampliar debates, dar visibilidade a causas e abrir caminhos para novas lideranças”, explicou.

Ser candidato, segundo o especialista, não é a única forma de participar da política. “Há a opção de participar de consultas públicas, conselhos, associações e fóruns de discussão. Afinal, a política está presente nas decisões que afetam nossa vida todos os dias”, reforçou Eduardo Galvão. O professor acrescentou que quanto mais pessoas participam das decisões, maiores são as chances de políticas públicas representarem os interesses da sociedade.

Arquivo pessoal



Para Mc Jenny, sair da zona de conforto valeu a experiência



Abel Santos ressaltou aprendizado durante a disputa eleitoral

AVISO DE LICITAÇÃO

Pregão Eletrônico nº 151/2026 (90019/2026) – UASG 323028

A Agência Nacional de Energia Elétrica - ANEEL, por meio do Superintendente de Gestão Administrativa, Financeira e de Contratações nomeado pela Portaria nº 194, de 22 de Junho de 2026, publicada no Diário Oficial da União em 29 de junho de 2026, e de acordo com delegação de competência que lhe foi atribuída na Portaria nº 7.170, de 25 de setembro de 2026, publicada no Diário Oficial da União, em 07 de outubro de 2026, torna público que fará realizar licitação na modalidade PREGÃO ELETRÔNICO, para REGISTRO DE PREÇOS, do tipo MENOR PREÇO, cujo objeto é o **REGISTRO DE PREÇOS para aquisição de Uniformes Institucionais, destinados ao uso de servidores que se deslocam em viagens a campo, a fim de vistoriar as usinas e demais instalações das empresas reguladas, bem como para lideranças da Agência**, conforme condições, quantidades e exigências estabelecidas no Edital e seus anexos. A abertura da sessão será às 10h00, do dia 27/10/2026, no Portal de Compras do Governo Federal - <https://www.gov.br/compras/pt-br>, UASG: 323028. O Edital poderá ser retirado nos sítios <https://www.gov.br/compras/> e <https://www.gov.br/aneel/pt-br/acesso-a-informacao/licitacoes-e-contratos/licitacoes>.

FRANCISCO JOSÉ PEREIRA DA SILVA
Superintendente de Gestão Administrativa, Financeira e de Contratações